

Implicações da guerra no Iraque para a Turquia

Suhnaz Yilmaz

A guerra no Iraque é, neste momento, a questão central da política externa turca. A Turquia apoia inequivocamente o fim das armas de destruição maciça na região e a luta contra o terrorismo, mas também está muito preocupada com as repercussões da operação militar no Iraque. Os líderes turcos estão especialmente preocupados com um possível longo período de transição e caos no rescaldo da guerra, que pode causar instabilidade regional e uma crescente vaga de terror, bem como os efeitos económicos negativos da guerra e a possibilidade de uma grave crise de refugiados.

Por outro lado, a Turquia concentra-se claramente na protecção da integridade territorial do Iraque, fruto das suas preocupações quanto à possível criação de um estado curdo, independente ou federado, no norte do Iraque.

A primeira guerra do Golfo teve efeitos económicos negativos consideráveis na Turquia, que teve também, na época, de lidar com uma séria crise de refugiados, quando Saddam utilizou armas químicas contra a sua própria população. Para além destas consequências directas, o vazio político que emergiu no norte do Iraque foi terreno fértil para as operações dos grupos separatistas curdos, que provocaram, em 15 anos, mais de 30.000 vítimas mortais no Sudeste da Anatólia.

As elites de segurança turcas acreditam que, em termos de segurança, a questão curda foi resolvida com a captura de Oçalan e o regresso da região à normalidade e receiam que a criação de um estado curdo-iraquiano possa reavivar os problemas do passado e levar a mais exigências de autonomia por parte dos cerca de 12 milhões de curdos que vivem da Turquia. Uma preocupação adicional é que um rico estado autónomo curdo no Iraque, em controlo das reservas petrolíferas da região de Mossul-Kirkuk, possa apoiar a causa curda na Turquia, actuando como factor desestabilizador na região.

A Síria e o Irão, que também albergam minorias curdas significativas, estão igualmente concentrados na protecção da integridade territorial do Iraque. O destino da minoria turca iraquiana e a protecção dos seus direitos é, também, uma preocupação relevante do Governo turco.

Com a recusa do Parlamento turco, por apenas 3 votos, em conceder autorização à passagem de 62.000 soldados americanos, Washington teve que refazer os planos para a abertura de uma segunda frente. A democratização, que os EUA pretendem para o Iraque e o Médio Oriente, acabou por ter um alto custo para Washington, quando o Governo turco não conseguiu o apoio parlamentar para uma guerra com o Iraque, muito impopular entre os turcos.

Em consequência, a Turquia perdeu um importante pacote de compensações financeiras americanas – 6 mil milhões de dólares –, e os acontecimentos afectaram muito as relações turco-americanas. Quando, após outro impasse, a Turquia abriu o seu espaço aéreo aos EUA, a confiança entre as partes já estava muito afectada. A estrutura do Iraque no pós-guerra, particularmente o destino do norte do país, será também uma questão muito sensível.

Receosos de que uma movimentação maciça turca na zona fronteiriça aumente as tensões entre turcos e curdos iraquianos, os funcionários americanos expressaram a sua oposição a um movimento “descoordenado” de tropas turcas no norte do Iraque. A Comissão Europeia e alguns países também alertaram a Turquia para o facto de que o envio de tropas para o norte do Iraque iria complicar o seu processo de adesão à UE. Em resposta a estes avisos, o Chefe de Estado Maior turco declarou que a Turquia não tem pretensões territoriais no Iraque. Se a Turquia se reserva o direito de movimentar tropas se a sua segurança nacional estiver em risco, pretende ter uma presença limitada e coordenada na fronteira, por razões humanitárias e para a prevenção de actividades terroristas.

A liderança turca tem estado na corda bamba diplomática desde o início da crise no Iraque e é essencial que consiga um delicado equilíbrio entre os interesses de segurança turcos, as necessidades da estreita aliança com os EUA e as exigências públicas. A crescente brecha transatlântica entre os EUA e alguns países-chave europeus parece atirar a Turquia para direcções opostas, e reconciliar as divergências será uma tarefa, certamente difícil, mas vital.